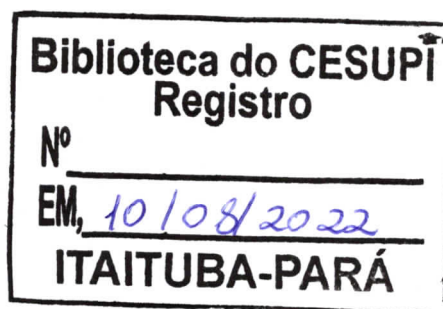




CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JAQUELINE LIMA DO CARMO

ESTUDOS DA LINGUAGEM À LUZ DA PRAGMÁTICA



Itaituba – PA

2018

JAQUELINE LIMA DO CARMO

ESTUDOS DA LINGUAGEM À LUZ DA PRAGMÁTICA

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba – FAI.

Orientadora Prof.^a Djalmira de Sá Almeida Barros.

Itaituba-PA

2018

JAQUELINE LIMA DO CARMO

ESTUDOS DA LINGUAGEM À LUZ DA PRAGMÁTICA

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba – FAI.

Orientadora Prof.^a Djalmira de Sá Almeida Barros.

BANCA EXAMINADORA:

PRESIDENTE: _____ Nota _____

ORIENTADORA: _____ Nota _____

Prof.^a Djalmira de Sá Almeida Barros, Doutora

AVALIADORA: _____ Nota _____

RESULTADO: _____ Média _____

Data: 24 de Março de 2018

*Ao meu bom Deus e à minha família,
em especial à minha mamãe Maria Telma
que me apoiou e motivou-me com muito
amor e carinho e todos que contribuíram
para a minha vitória.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente ao meu amado e bondoso Deus, por me dar o privilégio de viver, pois a vida é a maior benção de Deus concedida ao ser humano, pois sem Deus em minha vida não teria vencido as dificuldades e os momentos de desânimo, com certeza não teria chegado até aqui e não fosse sua destra fiel e sustentadora. Por isso, sou eternamente grata a esse Deus maravilhoso o qual tenho orgulho de servir. À minha família que Deus me deu, por ter me incentivado e apoiado durante os quatros anos de estudo, e por me dar a motivação necessária para seguir em frente. Principalmente, em especial à minha mãe Telma Duarte, por ter enxugado do meu rosto as lágrimas de desânimo com suas palavras de incentivo e amor.

Minha irmã primogênita que pagou para que eu tivesse oportunidade de fazer o vestibular, a todos que fazem parte da minha família, que me ajudaram direta e indiretamente pra que hoje fosse possível chegar ao final do curso. Não posso deixar de mencionar aos meus colegas de sala, em especial ao Anderson Sousa, Rosemary Pereira, Paloma Pereira, Aniele, e em especial destaque a minha querida amiga Sara Gaspar, por ter sido tão paciente e companheira, ajudando-me através de suas orações, uma verdadeira mulher de Deus. Aos professores que passaram pela minha vida acadêmica desde o início, os quais, cada um com sua especificidades, foram importantes para minha formação e a uma amiga de longe que sempre esteve a mim apoiar com suas orações e palavras de incentivo, grata a todos que foram essenciais a essa jornada de aprendizado.

*Não se pode criar experiência,
é preciso passar por ela.
“Albert Camus”*

RESUMO

Esta monografia aplica-se aos aspectos da Pragmática no estudo da linguagem, abordando com ênfase as ideias de alguns autores que tratam a respeito deste tema. Procurou-se averiguar esse fenômeno, tomando como centro de pesquisas referências bibliográficas, que tratem desse conteúdo, partindo de uma reconstrução das questões, em torno da Filosofia da Linguagem. Nesse trabalho, desenvolve-se esse tema condutor, relacionando a linguagem no contexto pragmático com o mundo externo de quem a utiliza, reconhecendo o acervo do nosso mundo social. Antes de analisar os processos da linguagem na visão da Pragmática, é necessário conhecer os fenômenos participantes desse estudo, com o conhecimento do mundo exterior que envolve o conhecimento de mundo. Através das ideias, os autores propõem observar a importância da Pragmática dentro do processo comunicacional e como o ser humano pode realizar ações por meio dos atos de fala, descobre-se com este estudo que a comunicação esconde, nas "entrelinhas", o que está implícito no discurso, suas marcas de caracterização da linguagem argumentativa, dos planos de enunciação e da presença da polifonia e os efeitos produzidos por tais marcadores de pressuposição.

Palavras-Chave: Pragmática. Linguagem. Discurso.

ABSTRACT

This monograph applies to the aspects of Pragmatics in the study of language, addressing with emphasis the ideas of some authors that deal with this subject. We sought to ascertain this phenomenon, taking as a research, center bibliographical references, which deal with this content, starting from a reconstruction of the questions, around the Philosophy of Language. In this work, this conducting theme is developed, relating language in the pragmatic context with the external world of those who use it, recognizing the collection of our social world. Before analyzing the processes of language in the view of Pragmatics, it is necessary to know the phenomena participating in this study, with the knowledge of the outside world that involves the knowledge of the world. Through the ideas, the authors propose to observe the importance of Pragmatics within the communicational process and how the human being can perform actions through speech acts, we discover with this study that communication hides, in the "between the lines", what is implicit in the discourse, its marks of characterization of the argumentative language, the plans of enunciation and the presence of polyphony and the effects produced by such markers of presupposition.

Key words: Pragmatics. Language. Speech.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 CONCEITO DA PRAGMÁTICA.....	11
2.2 BREVE HISTÓRICO DA PRAGMÁTICA NO ESTUDO DA LINGUAGEM.....	13
2.3 TEORIAS DA LINGUAGEM NA PRAGMÁTICA.....	17
2.4 TEORIA DA ENUNCIAÇÃO	17
2.5 TEORIA DOS ATOS DE FALA	19
2.6 TEORIA DA ATIVIDADE VERBAL	26
2.7 PRÍNCIPIO DA COOPERAÇÃO	29
3 METODOLOGIA.....	32
3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	33
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	34
5 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tem o objetivo geral de investigar os aspectos da Pragmática no estudo da linguagem, analisando seu funcionamento, abordando as diferentes formas de analisar discursos linguísticos, além do que a Sintaxe e a Semântica propõem, pois na visão Pragmática a linguagem carece de uma busca de sentido no qual ela está submersa. E essa função corresponde ao funcionamento da linguagem e o contexto em que esta se insere na comunicação.

Embora existam muitas definições para a palavra pragmática, linguisticamente falando, o que se deseja frisar nesse trabalho é o uso linguístico e o comunicativo, comprovando a intrínseca relação entre a linguagem e a situação comunicativa em que está empregada. Existem palavras que parecem adormecidas no léxico de uma língua. A palavra Pragmática é um bom exemplo, e ainda que não seja comum para a maioria dos usuários da Língua Portuguesa, torna-se cada vez mais habitual ouvi-la, nos mais variados discursos. Portanto, a Pragmática é a ciência da linguagem que se ocupa em analisar o uso concreto da língua pelos falantes nos mais variados contextos.

É sabido que a Pragmática teve início por Austin (1990), quando este desenvolveu as teorias dos atos de fala. A Linguística anteriormente só analisava as frases conforme a sintaxe, ou melhor, analisando as frases sintaticamente. Este é o ponto mais alto da teoria Austiniana, que é exatamente, observando com clareza essas afirmações e buscando conhecer cada contexto que as insere. Os interlocutores precisam ter conhecimento de mundo ou ser dotados de uma competência pragmática para que o discurso pragmático seja utilizado e compreendido adequadamente de acordo com a situação que está envolvida a conversação.

Apresentando uma forma de provar a importância de conhecer os atos de fala e proferidos nos mais diversos contextos e situações, revisando a literatura sobre o discurso pragmático, descrevendo situações em que os atos de fala dos interlocutores para análise do discurso. Esse trabalho tem grande relevância social e importância pedagógica, sendo útil para todos os locutores e interlocutores, revisando linguisticamente cada ato, cada situação, cada contexto, e é possível dizer que até mesmo o ambiente circunstancial.

Ela extrapola a significação dada às palavras pela Semântica e pela Sintaxe. A Pragmática preocupa-se em observar o contexto extralinguístico em que estão inscritas, ou seja, dos atos de fala e suas implicações culturais e sociais. Portanto, para ela, o sentido está na utilidade, no efeito prático que os atos de fala podem gerar. A importância está na comunicação e o funcionamento da linguagem entre os usuários, direcionando a concentrar-se nos processos de inferência pelos quais compreendemos o que está implícito, pois, dentro do discurso humano é recheado de intenções a dizer, nos aspectos locucionário, ilocucionário e perlocucionário, que proporcionam a linguagem um estudo e compreensão mais ampla, além da própria significação, pois segundo Austin (1990), a fala é uma ação. Existem palavras que revelam muito mais do que declaração, porque a se consome em uma ação. A linguagem necessita ser estudada e analisada além daquilo em que está implícita.

Ela contém uma infinidade de sentidos conforme a situação, o contexto que a envolve, a circunstância em que ela está inserida. Compreender a linguagem como um todo, numa perspectiva pragmática é entender que nas situações cotidianas, muito do se diz ou do que se tem a dizer, não é dita de forma direta, mas de forma indireta. É justamente com esse estudo que a pragmática se preocupa na análise da forma para que se compreenda que a linguagem não se prende somente ao estudo da Semântica e Sintaxe, pois essas expressões implícitas provocam no interlocutor ação esperadas pelo locutor, que quase sempre alcançam atitudes relevantes no receptor, conforme também o conhecimento de mundo que o mesmo tem. Tratar da linguística requer de fato competência e conhecimento de mundo adquirido durante todo aprendizado da linguagem.

A estrutura deste trabalho está organizada em cinco partes: a primeira trata da introdução com os objetivos e justificativa da pesquisa; a segunda traz a fundamentação teórica sobre os aspectos linguísticos da Pragmática; a terceira exhibe a metodologia do trabalho; a quarta discute os resultados e a quinta e última mostra a conclusão a que se chegou com a pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITO DA PRAGMÁTICA

O estudo da linguagem nos proporciona compreender melhor o ser humano, pois sua capacidade comunicativa é uma das suas maiores fortalezas, além de uma clara mostra de humanidade pessoal. É uma capacidade que se conecta com a natureza espiritual do ser humano. A Filosofia da linguagem é uma disciplina que estuda de forma direta este objeto de estudo, um ramo da linguística como a Pragmática de áreas bem mais específicas. Para aprofundar o valor da comunicação e da linguagem, é importante precisar que o significado de uma oração não tem valor por si só, mas que pode ser mais bem compreendida fazendo referência ao contexto desta mensagem (SEARLE, 2002).

A Pragmática estuda as normas gerais que regem o uso da linguagem dentro do processo de comunicação interpessoal entre um emissor e um receptor. Deste modo, deve-se levar em conta a intenção do emissor em enviar uma mensagem ao seu receptor, como também a interpretação que um destinatário faz de uma oração. Deste ponto de vista, para compreender melhor o significado de uma oração, é essencial fazer referência a outros elementos extralinguísticos. A mesma mensagem pode ter uma interpretação diferente da outra dependendo do contexto que acontece (SEARLE, 2002).

As noções básicas que valorizam a interpretação de uma mensagem são: o remetente ou emissor (aquele que envia a mensagem), o receptor ou destinatário (aquele que recebe a mensagem), a intenção comunicativa de expressar uma mensagem, o contexto verbal com o qual se produz essa mensagem em uma situação específica. Frequentemente, durante a interpretação de uma conversa cotidiana não são levados em conta todos esses fatores ocasionando mal-entendidos, por exemplo, uma pessoa não pode fazer uma má interpretação de uma mensagem que recebeu por parte de um ouvinte simplesmente porque teve pressa e não prestou devidamente a atenção necessária, portanto, não escutou a mensagem como deveria ser. Existe uma grande diferença entre ouvir e escutar. Outro erro possível na comunicação é fazer suposições pessoais que não foram contrastadas. Enfim, a pragmática mostra que devemos ir mais além de uma interpretação literal

de uma frase para aprofundar o valor da mensagem e valorizar todos os aspectos descritos anteriormente.

Segundo Garschagem (2009), a Pragmática corresponde ao ramo da semiologia que trata da relação entre o signo e aquele que o usa, passível de aplicação prática, voltado para a ação. Com este mesmo raciocínio, o dicionário Villar (2011), afirma que a pragmática também concerne à ação. A doutrina que preconiza que as ideias devem ter aplicação prática para também ter valor.

De acordo com Villar (2011), o termo Pragmática, origina-se da palavra grega *pragmathe*, que refere-se a palavra pragmática algo prático, a qual estuda o uso da linguagem, tendo em conta fatores extralinguístico que não se podem observar em um estudo puramente gramatical, pois ela se interessa especialmente, por três âmbitos de uso da linguagem que corresponde: os atos de fala, a análise de discurso e à questão das pressuposições,

Pode-se dizer que os estudos dos atos de fala tentam determinar qual é a verdadeira intenção comunicativa do falante, para que a comunicação funcione adequadamente, os enunciados não devem ser interpretados em sentido literal. A análise de Discurso trata de determinar quais são as leis às quais está submetida a interação entre os falantes, porque estes não se interrompem uns aos outros desordenadamente, mas existe uma série de regras que rege estas interações, os falantes, de forma inconsciente, respeitam estas regras, e a análise da conservação trata de fórmulas explicitamente sob a denominação de máximas. O estudo da pressuposição tenta determinar que quantidade e que tipo de informação devem ser partilhadas pelos participantes em um ato comunicativo para perceber o que se está dizendo.

De acordo com Armengaud (2006), a Pragmática é uma ciência que busca de forma prática, analisar linguística e cientificamente os atos de fala do discurso no contexto que os envolve, sem essa lógica de conhecimento de mundo será quase impossível compreender o que o locutor está implicitamente sugerindo. O contexto, em que ocorre a enunciação é de suma importante a ser considerado, é exatamente o contexto circunstancial que quase definirá o que realmente quer se alcançar, e é impossível analisar pragmaticamente os atos de fala, sem ter conhecimento do enunciado.

Os enunciados dependem do contexto que as envolve e servem para analisar os atos de fala e no qual as regras de uma lógica de conversação são iniciadas. O

contexto do qual dependem as frases é o mesmo que serve para analisar os atos de fala e no qual as regras de uma lógica da conversação são enunciadas. O conceito de contexto unificado permite o desenvolvimento de uma pragmática pura, cujo objeto é tratar aquilo que, nas linguagens naturais, deriva das condições gerais da comunicação, pois cada ato de fala muda o contexto, a pergunta intima o interlocutor a responder, a objeção exige resposta. “Desse modo, o contexto assim modificado afeta o que é apropriado dizer”. (ARMENGAUD, 2006, p. 82).

O contexto divide-se em inúmeras situações, como por exemplo, o contexto situacional, o contexto circunstancial, contexto interacional, tudo isso está inserido dentro de uma enunciação. O ponto crucial dos atos de fala está inserido exatamente no que este insere, seja para analisá-lo, seja para interpretá-lo. O que situa os atos de fala vai além da interpretação da frase o que a sintaxe faz, mas a desempenho é que a comanda.

Essa longa lista de atos dá-se simplesmente á uma definição abstrata. Eis a lista: afirmar, fazer uma pergunta, dar uma ordem, prometer, descrever, desculpar-se, agradecer, criticar, acusar, felicitar, sugerir, ameaçar, suplicar, desafiar e autorizar. Com essa lista é possível continuar esse jogo que pode-se chamar de jogo da linguagem. Ao pronunciar uma frase, o interlocutor realiza vários desses atos inseridos no seu próprio contexto. Esses atos de fala confundidos com a frase, realiza uma determinada função.

2.2 BREVE HISTÓRICO DA PRAGMÁTICA NO ESTUDO DA LINGUAGEM

A doutrina metafísica do pragmatismo determina que o sentido da ideia corresponde ao conjunto de seus desdobramentos práticos, ou seja, que a ideia depende de sua praticidade para ter sentido. Estabelecida no final do século XIX, é originária de uma entidade denominada *Methaphysical Club*, que era um grupo de pensadores que foi formado em Cambridge. Os filósofos deste grupo lançaram as ideias principais do pragmatismo, entre eles estão Chauncey Wright, F. E. Abbot, Charles Sanders Peirce e William James. Além destes, os filósofos John Dewey e F. C. S. Schiller também contribuíram ao movimento (BAKHTIN, 1979).

O pragmatismo é um método da filosofia que sustenta que o significado de um conceito, seja ele uma frase, texto, palavra ou discurso, consiste nas consequências práticas concebíveis de sua aplicação, ou seja, uma afirmação sem

relações com experiências, passa a não ter sentido. Para exemplificar, podemos usar as crianças. Elas não aprendem apenas com as palavras, mas com as ações dos adultos ao seu redor, de forma que falar para ela não jogar o papel no chão, não valerá de nada caso ela veja seus pais desrespeitando essa regra (SEARLE, 2002).

O pragmatismo propõe que o raciocínio siga caminhos similares aos da ciência, priorizando observação de fenômenos, testes, formulação de hipóteses e revisão de teorias. Para o pragmatismo, não existem verdades absolutas, corrente filosófica defende que o sentido das coisas pode ser encontrado dentro de sua utilidade ou efeito prático, de modo que a pessoa pragmatista vive pela lógica de que as pessoas, com seus atos e ideias, só são verdadeiros se servirem para a solução imediata dos problemas.

William James foi o primeiro filósofo que registrou o uso do termo em 1898, creditando autoria a Charles Sanders Pierce. O termo pragmatismo passou a ser usado por Pierce, a partir do ano de 1905, para nomear sua filosofia. Ele alterou o termo original, pragmatismo, pois os jornais literários o usavam de maneira desaprovada pelo autor.

O pragmatismo e o pragmaticismo podem ser diferenciados pelos seus conceitos de que o pragmatismo se aproxima do sentido popular, de forma que reduz o sentido dos fenômenos e os avalia quanto a sua utilidade. O pragmaticismo é justificado pelo autor por ter a sua invenção do termo popularizada, de forma a evitar que este conceito, assim como o pragmatismo, tivesse seu sentido popularizado.

No entanto, de acordo com Peirce, o pragmatismo não dá garantia alguma de que as pessoas, sejam crianças ou adultas, aprenderão com o erro, ou que atingirão a verdade. Desta forma, segundo o pragmatismo clássico, o conforto ou o conceito de realidade suportável não validam uma crença, seja religiosa ou não. O que realmente valida, são os efeitos práticos que serão alcançados na mesma realidade.

Conforme Almeida (2000), foi somente no século XIX, que começaram a surgir indícios de uma inconformidade com a gramática tradicional. Utilizando a ciência, os corporativistas iniciaram estudos sobre a história das línguas e suas derivações. A linguística começou a ganhar autonomia somente a partir do início do século XX, com as ideias de Ferdinand de Saussure.

Esse estruturalista considera a língua como objeto de análise da linguística, ignorando a importância individual da fala. Quando houve ligações entre essas

ciências as quais são: a linguística, psicologia entre outras, foi iniciando e começou a conhecer novas concepções não só teórica mas, prática da linguagem. Portanto, alguns teóricos, até mesmo os seguidores de Saussure, questionaram-se as dicotomias do mesmo, dando origem as bases de uma linguística da fala, priorizando a individualidade da linguagem.

No entanto, para que estabelecesse a linguística da fala e os elementos que estas compõem, os elementos afetivos de Charles Bally contribuíram para que descobrisse o valor estilístico da expressão. Segundo Fonseca (1977) a pragmática só veio surgir quando enxerga-se a necessidade da qual as ciências da linguagem ampliam –se em abordagens dos fenômenos linguísticos, quando esta mostra a necessidade de aplicar a teoria para solucionar possíveis problemas práticos.

Em Maingueneau (1989) a cena enunciativa, lugar e cena, os gêneros discursivos e a pragmática são tratados como instituição discursiva ou prática discursiva. Para esse autor, na visão segundo a pragmática, a linguagem é considerada como uma forma de ação e cada ato de fala é inseparável de uma instituição, portanto, a Pragmática supõe na análise de discurso um estudos o qual baseia-se no teatro da enunciação e no jogo que a sociedade impõe através da linguagem utilizada seja para informar, convencer ou iludi, permitindo um enunciador ou seu enunciado.

Sendo assim, a pragmática não concorda com a ideia de que a língua seja apenas um simples instrumento para transmissão de informações. Ela destaca o caráter interativo, descrevendo e pintando um quadro da situação enunciação. O autor diz que, igualmente a pragmática, a análise de discurso questionou e recusou-se a crer que a concepção de linguagem faz do discurso suporte de doutrinas e visões de mundo. Vogt (1980) utiliza a palavra representações quando diz respeito ao dizer que a mesma em um sentido tomado pelo teatro, designa diversos papéis, todos distribuídos nessas pequenas cenas que são os atos de fala, tornando-as participativas aos interlocutores, considerando-as essenciais ao jogo da linguagem.

Contudo Maingueneau (1989), pragmaticamente falando afirma que, a linguagem se resume como uma forma de ação, pois cada ato de fala é inseparável de uma instituição. De fato, como diz a autora, se a pragmática indefinida como o estudo da linguagem em contexto, pois é necessário contextualizar o campo em que se realiza a ação falada. A maior preocupação da pragmática é confirmar que de fato ela é uma ciência que estuda e analisa a linguagem além do que a semântica e

sintaxe fazem. A visão da linguagem com ação intersubjetiva deriva de dois grandes pólos: *Teoria da Enunciação*; *Teoria dos atos da fala*. Linguistas dos países europeus, por exemplo, (França, Alemanha, Inglaterra) passaram a voltar sua atenção para a *linguagem enquanto atividade*, para as relações entre a língua e seus usuários e, contudo, para a ação que se realiza *na* e *pela* linguagem.

Por isso, o surgimento da *linguística do discurso*, constituiu-se por um conjunto de frases logicamente ordenadas, de forma a comunicar um sentido. Nesta acepção, a frase é considerada, hoje, uma unidade do discurso e é passível de ser analisada na forma como se harmoniza com outras frases para constituir um discurso. Essas manifestações podem, sem dúvida, consistir de uma só palavra, de uma sequência de duas ou mais palavras ou de uma frase mais ou menos longa. O que se visa, então, é descrever e explicar a interação humana por meio da linguagem, a capacidade que tem o ser humano de interagir socialmente por meio de uma língua.

A partir do século XX passamos a entender que a linguagem é ação e tem o poder de transformação e que gera realidades. A mais nova concepção da linguagem hoje, é vista como forma de ação interindividual, possibilitando aos membros de uma sociedade a prática dos mais diferentes tipos de atos, tendo por objetivo a "comunicação".

O pragmatismo é o único artifício da filosofia que sustenta que o significado de um conceito, seja ele um enunciado, texto, palavra ou discurso, consiste nas consequências práticas concebíveis de sua aplicação dentro da interação comunicacional, ou seja, uma afirmação sem relações com experiências, passa a não ter sentido dentro da interação. Para melhor compreender aqui está um exemplo, podemos usar as crianças. Elas não aprendem apenas com as palavras, mas com as ações dos adultos ao seu redor, de forma que falar para ela não jogar o papel no chão, não valerá de nada caso ela veja seus pais desrespeitando essa regra.

O pragmatismo propõe que o raciocínio siga caminhos parecidos aos da ciência, priorizando observação de fenômenos, testes, formulação de hipóteses e revisão de teorias. Para o pragmatismo, não existem verdades absolutas, mas aquilo que é vivenciado no exercício. A corrente filosófica defende que o sentido das coisas pode ser encontrado dentro de sua utilidade ou efeito prático, de modo que a pessoa

pragmatista vive pela lógica de que as pessoas, com seus atos e ideias, só são verdadeiros se servirem para a solução imediata dos problemas.

2.3 TEORIAS DA LINGUAGEM NA PRAGMÁTICA

Segundo Fiorin (2015), o estudo da pragmática iniciou-se com os trabalhos introdutórios dos filósofos, John Austin(1990) e Paul Grice (1982). Ao analisarem o estudo da linguagem no ponto de vista da pragmática, os filósofos perceberam que a função da linguagem está muito além da descrição em si, como a sintaxe e a semântica as defini, pois elas se realizam em forma de ação, pois dentro da perspectiva de Austin, ao pronunciarmos um discurso estamos realizando atos. Além de John Austin (1990), com a (teoria dos atos de fala), há mais três estudiosos da linguagem, os quais são Vygotsky (teoria da atividade verbal), Paul Grice (1982), (princípio da cooperação e as máximas conversacionais), e Mikhail Bakhtin (teoria da enunciação).

2.4 TEORIA DA ENUNCIAÇÃO

Fiorin (2010), diz que um dos domínios dos fatos do estudo da linguagem requer a introdução de uma dimensão pragmática dentro dos estudos linguísticos e a enunciação , ou seja o próprio ato de produzir enunciados, os quais são realizados na língua de forma concreta. Um dos principais estudiosos que se interessou por estuda o aspecto da linguagem dentro da enunciação foi o Bakhtin. A teoria da enunciação tem a função de explicar os significados dois enunciados que são produzidos pelas falas dos indivíduos de uma determinada língua, visando não só o sentido dos mesmos, mas, as condições em que são produzidas.

É possível considerar essa exigência pelo razão de que na língua existem alguns fatos linguísticos que só podem ser compreendidos em função do ato de enunciar. Pode-se identificar esse fato com os dêiticos, que indicam o lugar ou tempo em que os enunciados são produzidos o autor afirma, que os dêiticos são os pronomes pessoais que indicam os participantes de uma comunicação são eles, *eu/tu*, os que marcam lugares são os advérbios de lugar e junto os pronomes demonstrativos, os quais são; *aqui/lá, este/aquele*, ainda há os marcadores de tempo que são; *agora, hoje, ontem, amanhã*.

É possível compreender um dêitico somente dentro da situação de comunicação, ainda quando aparece num texto escrito, a situação enunciativa deverá esta explicitada.

No caso dos dêiticos, não adiante só o conhecimento do sistema linguístico, pois o que é preciso, para entendê-los, é conhecer a situação de uso. Todo enunciado é realizado numa situação definida pelos participantes da comunicação (eu/tu), pelo momento da enunciação (agora) e pelo lugar em que o enunciado é produzido (aqui). As referências a essa situação constituem a dêixis e os elementos linguísticos que servem para situar o enunciado são os dêiticos (FIORIN, 2010, p. 162).

A primeira visão do sentido que temos de enunciação é o próprio ato produtor do enunciado. Benveniste (1966), diz que é através da enunciação que a língua é colocada em funcionamento por um simples ato de utilização por seus usuários , ou seja um falante usa a língua para produzir enunciados. Dizer que o enunciado em oposição à enunciação é dizer que ele resulta da enunciação, independentemente das suas dimensões sintagmáticas. Diante dessa visão, é possível dizer que enunciação e enunciado, o mesmo comporta alguns elementos que remetem à instância da enunciação que são os: pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos e advérbios apreciativos, advérbios espaciais, e temporais. Existem dois tipos de conjuntos no texto: a enunciação enunciada, que é conjunto de marcas, nele identificáveis, este remete a instância de enunciação; e o enunciado, que é a sequência enunciada desprovida de marcas de enunciação.

A linguagem se manifesta através de um diálogo contínuo entre duas pessoas e abrangente toda uma situação de interlocução e nela cada elemento tem importância na determinação dos sentidos que se desenvolvem. Os interlocutores envolvidos não apenas comunicam informações uns aos outros, mas assumem papéis sociais procurando elaborar seus textos de acordo com esses papéis. As palavras são usadas, estrategicamente, para alcançar determinados fins como: persuadir, informar, expor, fazer agir, fazer comprar, etc..

A Teoria da Enunciação tem por postulado básico levar em conta, simultaneamente, a enunciação ou seja, o evento único e jamais repetido de produção do enunciado, porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado.

A Teoria da Enunciação, concebida extensivamente, procura descrever as relações que ocorrem entre o enunciado e os diferentes elementos do quadro enunciativo, ou seja, os protagonistas do discurso e a situação de comunicação (circunstâncias espaços-temporais e condições gerais de produção). Por isso é possível dizer que de fato a enunciação é o próprio ato de produzir enunciados, que são as realizações linguísticas concretas. Alguns enunciados não têm por finalidade a designação de um objeto ou um evento do mundo, mas referem-se a si mesmos, ou seja, não tem uma função referencial, mas autorreferencial.

Benveniste (1966), afirma, portanto, que a interlocução num dado contexto, proporciona a essa teoria evidências em sua análise a importância do enfoque pragmático por ter como objeto de pesquisa, a ação humana realizada pela linguagem, indicando suas condições e seu alcance dentro da comunicação. Segundo o autor, todos esses mecanismos produzem efeitos de sentido no discurso. Não é indiferente o leitor/ouvinte projetar-se no enunciado ou alhear-se dele, ou simular uma concomitância dos fatos mostrados com o momento da enunciação ou expor-lhe como anteriores ou posteriores a ele.

A linguagem parece estar imitando os tempos do mundo, os espaços do mundo e as pessoas do mundo. No entanto, com a embreagem, quando se apresenta uma primeira pessoa como segunda, uma terceira como primeira, um futuro do presente como presente, um futuro do pretérito como um pretérito imperfeito, um lá como aí, etc., mostra-se que pessoas, tempos e espaços são criações da linguagem e não decalque da realidade. E assim, esse modo de enunciar vai criando sentidos como aproximação, distanciamento, atenuação, irrealidade.

2.5 TEORIA DOS ATOS DE FALA

Conforme Koch (2006), a teoria dos atos de fala surgiu na filosofia da linguagem e foi apropriada pela linguística pragmática. Os filósofos da época, entre eles Austin, entendiam a linguagem como forma de ação e passaram a estudar os diversos tipos de ações que podem ser realizados através dela.

Armengaud (2006), afirma que, a teoria dos atos de fala, de fato, é o estudo sistemático da relação entre os signos juntamente com seus interpretes. Esses mesmos atos de fala, foram de certa forma solicitados por Austin, e chamados de

atos ilocucionários, que significam, (in= dentro, e locutio= discurso, pois o ato ilocucionário é o que se faz quando se fala). Segundo o autor, esses atos nada mais são do que distinguidos de outros tipos de atos nomeados por Austin. Confirma a autora ao dizer que:

Dentro do ato ilocucionário, distinguem-se atos subsidiários como fazer referência a um objeto, exprimir essa e aquela proposição. Ora, o mesmo ato de referência, a mesma expressão de uma proposição pode aparecer em atos ilocucionários diferentes. O fato de eles se destinarem a produzir o mesmo efeito perlocucionário não anula as suas diferenças de atos ilocucionários. Por isso a forma lógica do ato ilocucionário, em seu vínculo com um conteúdo proposicional (ARMENGAUD, 2006, p. 101-102).

A teoria dos atos de fala analisa os atos de fala perlocucionários e atos proposicionais. Os atos perlocucionários são essencialmente caracterizados por termos propriamente ditos, esses efeitos são nossas próprias sentenças já no ato de alocutários. "Os atos de fala também são classificados por Austin da seguinte forma: os "veridctivos", os exercitivos", os "comissivos", os "expositivos", os "comportamentais". Cada uma dessas classificações exerce seu próprio papel particular. Diante da afirmação da autora, há possibilidade de considerar que no processo de comunicação humana entre interlocutores, é de surpreender que é possível transmitir mensagens que na verdade não mantêm qualquer relação com o conteúdo referencial, o qual não pode-se deixar de considerar. Exatamente neste ponto que a pragmática entra, na relação entre a estrutura da linguagem e seu uso, que muito antes foi deixado de lado pela corrente da linguística qual já foi comprovado e também conhecido nem que seja por parte que a pragmática teve início por Austin, quando este desenvolveu as teorias dos atos de fala. A linguística anteriormente só analisava as frases conforme a sintaxe, ou melhor, analisando as frases sintaticamente. Aqui que está o ponto mais alto da teoria Austiniana, que é exatamente, observando com clareza essas afirmações e buscando conhecer cada contexto que as insere.

Armengaud (2006), quer dizer que o estudo da maneira em que a proposição expressa, liga-se a frase pronunciada, onde exatamente nos casos mais relevantes, pois essa mesma proposição que é expressa deve ser distinguida do significado literal da frase, porque é na ampliação da noção do contexto, que, por exemplo, seja o contexto de localização e de identificação dos referentes e dos agentes para o

contexto entendido, como o que é presumido, que está praticamente implícito, por isso o autor diz que:

A distinção fundamental é entre sentido literal e sentido expresso. Por enquanto, não questionemos essa distinção, mas notemos, contudo, que ela poder ser enriquecida de várias maneiras. O sentido literal se distingue também do sentido figurado ou metafórico. O sentido abertamente expresso se distingue do sentido insinuado. O que é afirmado não é o que está pressuposto (ARMENGAUD, 2006, p.85).

Portanto, Searle (2002) discorre sobre os limites existentes entre a semântica e a pragmática, existe uma grande diferença entre ambas, pelo simples fato de um, analisar a frase em um contexto nulo e outro em um contexto real. O ponto que ele defende é que é possível conceber, para qualquer frase, o seu sentido literal, ou seja, independente do contexto em que está inserida. Essa constatação dá-se, por meio de uma análise da mesma, que é a principal função da semântica e sintaxe. Já na pragmática é a competência que irá determinar, a compreensão do sentido que propõem. É possível chegar-se à uma convicção de que a unidade mínima da comunicação humana não é nem a frase nem qualquer outra expressão. É a realização, ou seja, a desempenho de alguns tipos de ato.

Austin (1990), afirma, que não se trata apenas de uma definição abstrata, mas de uma definição concreta, ou seja, real. E dentro do mesmo há uma grande lista dos atos, que são: afirmar, fazer uma pergunta, dar uma ordem, prometer, descrever, desculpar-se, agradecer, criticar, suplicar, felicitar e dentre outros.

Dentro de suas contribuições, Austin (1990), diz que ao pronunciar uma frase, um falante realizar, não somente um ou dois, mas, vários desses atos. O próprio ato não poderá jamais ser confundido com a frase, pois como já ficou claro, são sentenças totalmente diferentes entre si, nem mesmo a expressão linguística, ou qualquer que seja ela, utilizada na realização dos atos. Confirmado está que a teoria dos atos de fala é de fato um estudo sistemático da relação entre signos e seus intérpretes. Contudo, nem um dos dois autores utilizou uma denominação exata para a pragmática. Com base nas contribuições de Austin, a autora diz o seguinte:

Os atos de fala foram examinados por Austin e por Searle isoladamente, para fins de delimitação. Por outro lado, outros autores avaliam que nenhum ato de fala pode ser realizado isoladamente. Encontram-se atos que estão inseridos em sequências reguladas de atos. Em geral, uma pergunta exige uma resposta, uma objeção pede igualmente uma resposta (ARMENGAUD, 2006, p. 102-103).

Portanto, Armengaud (2006), diz que esses atos, cujos exemplos foram mencionados na lista que correspondem ao campo da pragmática, foram chamados por Austin de atos ilocucionários, que originou-se (do latim in: dentro, e locutio: discurso; ato ilocucionário é o que se faz quando se fala.

Segundo Austin (1990), a classificação dos atos de fala são enumeradas baseadas em cinco categorias, que faz com que o ponto de partida dessa discussão se inicie no próprio título definitivo da pragmática. Eles também correspondem de início os veredictos que são constituídos por ter em sua pronúncia um ato de julgamento, mas sempre fundado em uma evidência certa ou verdadeira ou até mesmo em boas razões, acerca de um valor ou fato.

Os exercitivos entram nessa lista com a função de formular uma discussão lógica, ou em favor de uma ideia ou no simples sentido de uma sequência de ações. Eles entram ao fazer uma ordem, ou comandar algo, na defesa de uma ideia, na suplica de um favor ou em uma declaração. Os expositivos são utilizados para, como o próprio nome diz, expor concepções, conduzindo em uma interação a argumentação de ideias, ele esclarece o uso de palavras, sempre assegurando as referências que correspondem os mesmos. E por fim os comportamentais, que tratam especificamente de reações ao comportamento dos outros interlocutores aos respectivos atos de fala que acontecem no que diz respeito aos mesmos. Essas expressões de atitudes conforme o próprio comportamento, podem ser em atos de desculpar-se, criticar, exprimir e entre outros que acompanham o mesmo.

Porém, Searle (2002), diz que não tratam-se de uma classificação de atos de ilocucionários, é mais uma classificação de verbos ilocucionários de uma língua particular única, que pode ser do português, inglês, francês, mais uma questão de necessidade aproximativas. Ele não somente critica a proposta de Austin, na verdade ele faz um complemento, mas baseado em verbos pois segundo ele é muito difícil apontar críticas a essas classificações, sem rever antes de dar uma nova abordagem, a questão dos critérios. Por isso ele enumerou doze critérios para justificar claramente os atos ilocucionários dos falantes. Um deles são, são as diferenças quanto à finalidade do ato de ordenar, ele mostra em suas evidências que a ordem tem a única finalidade de fazer com que o alocutário faça algo, para que assim seja um ato de ordem.

Ainda tem as diferenças quanto à orientação de ajustes entre palavras e as coisas, ou seja o autor diz que faz parte do ponto de ilocucionário de algumas

sentenças, ajustando o máximo possível as palavras à realidade, ou até mesmo encaixar o conteúdo ao ato real que se realizar. As diferenças acerca dos estados psicológicos expressos são aqueles que afirmam explicam, aquele que envolve promessas, Searle (2002), até generaliza dizendo que não se pode fazer uma promessa se não tiver intenção de realiza-la. Contudo, Searle (2002), propõe sua própria classificação dos atos de fala, a partir dos doze critérios que nem todos foram mencionados, mas ele diz que a partir de uma abordagem bem detalhada de cada ato pronunciado, cada sentença analisada, cada verbo expresso através dos enunciados.

Fiorin (2015) diz que no sistema linguístico, com certeza, temos várias oposições fônicas e semânticas e regras combinatórias dos elementos linguísticos, pois a única função desses requisitos nada mais é do que estudar e analisar as estruturas das palavras com verbo e enunciações, mas no entanto nem a oposições semânticas, nem as regras de combinação elas não conseguem assimilar e explicar os fatos que ocorrem em cada situação que Searle (2002), abordou.

Saussure dizia que o verdadeiro objeto da língua era de fato a língua, pois a língua era a linguagem menos a fala, ou seja, não tinha uma grande relação com a linguagem. Porém o autor completa que a pragmática não confere à língua uma posição nos centro dos estudos sobre a linguagem, ela não o vê isolada, mas sim acompanhada por diversos fatores que envolvem a língua e seus usos em um dado contexto. É exatamente esse o objeto da pragmática, o estudo da linguagem, pois ela é de fato como já mencionado uma ciência, deixando de ser apenas um ramo da mesma.

Ela governa, segundo o autor, a utilização da linguagem, ou seja, a prática linguística, O ponto de partida para essa conclusão a respeito do que é a pragmática, foram através dos trabalhos dos filósofos que analisavam profundamente a linguagem, principalmente por John Austin, que foi mencionado anteriormente. Ele diz que ela, a pragmática, estuda a relação entre estrutura da linguagem e o uso da mesma, que certamente foi deixada pra depois pelas correntes que a sucederam

Foram criando outros objetos teóricos, esquecendo a principal que é estudo da linguagem abordando todos os aspectos que as envolve, pois o seu estudo e absolutamente necessário, pelo fato de palavras e frases cuja intenção só ocorre por meio de uma situação concreta da fala. Fiorin (1996), enumera alguns fatos

linguísticos para afirmar que realmente a linguagem não pode ser analisada isoladamente. Um desses critérios é a enunciação, que é o ato de produzirmos enunciados, com base em realizações linguísticas concretas.

Os dêiticos são elemento linguístico que podem indicar lugar ou tempo em que um enunciado é produzido e, muitos outros que o autor instituiu para definir alguns critérios que envolvem os atos de fala. Várias foram as tentativas de comprovar que, somente a pragmática tem possibilidade de estudar a fundo o ramo da linguagem. Saussure dizia claramente que o verdadeiro objeto da linguística é a própria língua, pois para ele a língua era a linguagem menos a fala, ou seja, nem tudo que é falado pode ser analisado como uma forma de linguagem, mas sim a expressão utilizada dentro desse enunciado oral.

A entrada do estudo da Pragmática iniciou com os trabalhos de dois filósofos da linguagem já citados acima, os quais são John Austin e Paul Grice (1982), o primeiro filósofo diz que a linguagem não é utilizada para descrever, mas a função dela é a ação, pois segundo ele o homem age ao pronunciar as palavras. “Exemplo claro ao dizer “eu lhe prometo vir”, já está realizando um ato ao dizer “eu lhe prometo””. Portanto na visão de Grice (1995), ele diz que ao pronunciar o enunciado está comunicando mais do que aquilo que as palavras possam significar. Pois o seu significado fica implícito. Outro exemplo, quando alguém fala ao outro que está se arrumando pra sair, “já são oito horas”, ao pronunciar esse enunciado o locutor não está apenas comunicando a hora, mas ele está apressando o interlocutor. A pragmática vai muito além de analisar frase, ela preocupa-se em estudar a estrutura da linguagem e seu uso, pois estudar o uso é de suma importância para entender a interpretação do uso concreto da fala.

Fiorin (2015), afirma que, existem alguns enunciados que têm a capacidade de implicar outros. Quando se diz que “ João é meu sobrinho”, estou implicando que sou tio de João Os enunciados que implicam outros eles derivam dos próprios enunciados, pois eles não exigem informações retiradas do contexto. O autor ainda diz que a pragmática têm a capacidade de fazer com que os falantes compreendam, literalmente, uma expressão, e ainda o que essa mesma expressão significa, pois na maioria dos casos os falantes preferem dizer alguma coisa indiretamente do que diretamente. O autor ainda diz que, a pragmática vem mostrar como fazer inferências para alcançar o sentido de cada enunciado.

O autor discorre também da teoria dos atos de fala, e afirma que a pragmática como é hoje, teve início quando Austin desenvolveu sua teoria dos atos de fala. Pois antes dessa descoberta a linguística imaginava que as afirmações tinham a função de descrever um estado de coisas, sendo verdadeiras ou falsas. Quando se diz que o céu é azul, analisa se é verdadeira ou falsa.

Segundo o autor, existem dois tipos de afirmações, as quais são: as que descrevem estados de coisas que são as constativas, e as que não descrevem que são as performativas. Ele diz, que quando se diz "ordeno que você saia daqui", é possível confirmar que ao falar ordeno, já realizou o ato. Portanto a ordem não pode ser considerada nem verdadeira ou falsa, mas sim puramente realizada. É necessário observar que, há mais uma coisa a atentar que, para que a ação que corresponde um performativo seja realmente realizado, é de suma importância que ele seja enunciado e também as circunstâncias sejam de acordo com o mesmo.

Em seu livro, de 1962, chamado *How To Do With Words*, Austin relata o seu interesse por analisar os verbos como jura e batizar, os quais chama-os de verbos performativo, segundo ele esses verbos têm a função de cumprir o que dizem, realizam uma ação pelo ato de falar. Ao dizer "eu te batizo", ou "eu juro", já realizou o ato, pois não há necessidade de esses enunciados serem verdadeiros ou falsos, mas, porém, há necessidade de saber se foram de fato concretizados.

O autor ainda informa sobre a divergência que existe entre verbos performativos, o qual ele prefere chamar de enunciação performativa, e os verbos constativos. Os performativos não são verdadeiros e nem falsos, já os constativos podem ser considerados verdadeiros ou falsos, pois somente descrevem estados do mundo ou coisas. Ao dizer "Paulo batiza as crianças por imersão", e "prometi isso ontem", não está realizando-se uma ação, mas apenas descrevendo estado de coisas. É perceptível que os performativos necessitam de um presente pontual e um Eu, pois os dois estão crucialmente unidos.

Mais tarde, o próprio autor renuncia essa distinção, que ele mesmo fez entre "enunciado constativo" e "enunciado performativo". Até mesmo um enunciado que parece descritivo, diz ele, é possível realizar uma ação, no seguinte caso no enunciado "está chovendo", realiza-se uma ação através da afirmação. As ações como "sustentar", "afirmar", "ordenar", são verbais, são distintas das ações institucionais, como "jurar", "batizar", ou "decretar", mesmo com essa diferença ambos os casos são chamados de atos de linguagem ou atos de discurso.

A enunciação seja qual for tem uma dimensão ilocutória, que são mais abrangentes que os performativos. Os significados dos enunciados são analisados pelo sentido que associa dois componentes que são o: conteúdo proposicional, do valor descritivo e a força ilocutória que direciona ao tipo de ato de linguagem e a sua realização dentro do enunciado e ainda como ele é recebido pelo destinatário. Pois quando se enuncia um ato de fala, o destinatário pode compreendê-lo como uma súplica, uma ameaça, uma sugestão.

2.6 TEORIA DA ATIVIDADE VERBAL

A teoria da atividade verbal, está baseada nas ideias de Vygotsky (1988), o qual diz que a linguagem é como uma atividade social realizada para determinados fins. Seguindo este mesmo raciocínio, Koch (2006, p.23), diz que toda atividade linguística seria composta por: um enunciado, produzido com toda intenção, sob certas condições necessárias para atingir o objetivo esperado e as consequências decorrentes dessa realização, o autor comenta, a partir de alguns teóricos russos, como Leontiev (2004), e o autor já citado acima Vygotsky (1988), que o locutor é o responsável por levar ao interlocutor a compreensão do objetivo ou da informação. Segundo essa teoria o sentido é produzido na interlocução. O ouvinte jamais será um receptor passivo, pois uma vez que ele também atua sobre o material linguístico construindo o sentido para que isso aconteça é necessário levar em conta o contexto, relacionando-o com os elementos do texto ou discurso. Para que isso aconteça, uma das atividades realizadas é a produção de inferências.

Comenta Koch (2006), que nenhum texto apresenta de forma explícita toda a informação necessária para sua compreensão, pois sempre existem elementos implícitos que precisam ser recuperados pelo interlocutor para que se construa o sentido. Para que isso se realize é preciso produzir inferências, ou seja, estabelecer relações entre os elementos do texto e o que ele implica, preenchendo, assim lacunas, utilizando dos seus conhecimentos de mundo, os conhecimentos compartilhados entre ele e o texto. Analisando este ponto de vista, e levando em conta que cada pessoa vai compreender a mensagem de acordo com o seu conhecimento prévio, um único texto ou discurso pode conter várias interpretações e um mesmo leitor/ ouvinte pode interpretar o mesmo texto de inúmeras formas diferentes, de acordo com a situação em que é pronunciado.

Para Vygotsky (1988), é Lewin quem na análise de psicologia da atividade propositada, apresenta uma clara definição de atividade voluntária como um produto do desenvolvimento histórico-cultural do comportamento e como um aspecto característico da psicologia humana". A atividade diz ele que é mais do que um simples reflexo ou resposta a um estímulo externo, mas, sim, um processo de transformação do mundo e do comportamento humano por meio dessa relação entre o homem e o mundo que se dá pela e na atividade.

Conforme Leontiev (2004), a atividade designa os processos que, efetivando as relações do homem com o mundo, satisfazem uma necessidade especial à ele correspondente, enquanto outros processos que não atendem a esse pressuposto são por ele denominados de ações e operações. As atividades são os processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar essa atividade, isto é, o motivo.

Isso distingue a atividade do processo chamado ação. Um ato ou ação é um processo cujo motivo não coincide com seu objetivo, mas reside principalmente na atividade da qual a ação faz parte. Por sua vez, as operações são o modo de execução. São determinadas pela tarefa e representam as condições ou modo da ação. Daniels (2011), detalha essa concepção de atividade como uma formação coletiva, sistêmica, que possui uma estrutura mediadora completo.

Para Daniels (2011), ocorre um breve distanciamento do pensamento original de Vygotsky (1988), quando se dá menor ênfase à linguagem, focando mais a gênese e medição da mente através da atividade humana sensório. Nesse sentido, a atividade se refere às relações sociais, e a regras de conduta determinadas por instituições culturais, políticas e econômicas, com uma operacionalização mais formal dos papéis de comunidades, das suas regras de estruturação e da distribuição continuamente negociável de tarefas, poderes e responsabilidade entre os participantes de um sistema de atividade".

Daniels (2011), trata a atividade como situada, reconhecendo que o conhecimento humano e a interação não podem ser divorciados do mundo. Esse divórcio representaria estudar uma inteligência desencarnada, uma inteligência artificial, irreal e não característica do comportamento real. Esse autor apregoa que o que realmente interessa são a situação e os papéis que as pessoas

desempenham, além da constituição, mútua de pessoas e situações numa contínua e emergente interação dialética de conformação indissociável.

O autor acima citado diz que não se pode olhar apenas para a situação ou apenas para o ambiente, ou apenas para a pessoa, pois fazê-lo é destruir o próprio fenômeno de interesse. E a mútua acomodação das pessoas e do ambiente que interesse de modo a focar somente os aspectos isolados e destruir a interação, eliminar o papel da situação sobre a cognição e sobre a ação. A linguagem (que é um utensílio que faz a mediação da relação do homem com os demais e consigo mesmo) no primeiro momento não modifica o objeto operação psicológica, na medida em que se constitui num meio da atividade interna dirigida do próprio indivíduo.

Para Vygotsky (1988), ela desempenha, em primeiro momento, influência sobre os outros e, posteriormente, influencia a si mesmo. Para melhor compreensão, alguns exemplos para analisar com podem ocorrer essas duas implicaturas:

(1) *Tony é um menino trabalhador, contudo é pobre.*

(2) *Ela enriqueceu durante seu mandato de senadora.*

Em (1) é dito que o rapaz Tony é um menino trabalhador e que é pobre. No entanto não está dito que por ele ser trabalhador, não deveria ser pobre. Essa informação está implicada através do significado literal das palavras e da expressão linguística, nesse caso uma conjunção, “contudo” que indica uma implicatura convencional. No enunciado (2) tem-se a implicatura de que a senadora é desonesta. Essa atribuição não é feita por nenhuma expressão linguística, mas pelo contexto, já que no Brasil a maioria dos políticos possui a fama de serem corruptos e de “roubarem o dinheiro público”. Há, portanto dentro deste enunciado uma implicatura convencional. Vygotsky (1988), afirma que não se pode olhar apenas para a situação, ou apenas para o ambiente, ou apenas para a pessoa, pois fazê-lo é destruir o próprio fenômeno de interesse. E a mútua acomodação das pessoas e do ambiente que interessa, de modo, que focar somente aspectos isolados é destruir a interação, eliminar o papel da situação sobre a cognição e sobre a ação.

A linguagem (que é um utensílio que faz a mediação da relação do homem com os demais e consigo mesmo) no primeiro momento, não modifica o objeto da operação psicológica, na medida em que se constitui num meio da atividade interna

dirigida do próprio indivíduo. Para Vygotsky (1988), a atividade verbal desempenha, em um primeiro momento, influência sobre os outros e, posteriormente, influencia a si mesmo.

2.7 PRÍNCÍPIO DA COOPERAÇÃO

O sucesso de uma comunicação depende da interação verbal entre locutor e interlocutor, que terão que cooperar um com o outro para que a mensagem seja passada de maneira adequada. Segundo Grice (1982), o princípio básico que rege a comunicação humana é o Princípio da Cooperação. O filósofo afirma que a comunicação humana compreende um processo cooperativo entre o falante e o ouvinte, no qual um possa entender o que o outro quis dizer.

A implicatura corresponde em linguagem comum, à sugestão e também à insinuação, pois segundo ele as implicaturas em dois tipos: conversacionais ou discursivas e as implicaturas convencionais ou lexicais. Na implicatura conversacional ou discursiva temos como exemplo o ato de recomendar, ou seja, dar à entender, sem querer afirmar explicitamente um enunciado. Esse tipo de insinuação, que ocorre no discurso, é chamado por Grice (1982), de implicatura discursiva. Ela poderá estar fora do contexto ou estar em contexto.

A implicatura não faz parte do significado das expressões utilizadas dentro do enunciado. Vemos, portanto que a implicatura depende estreitamente do contexto tomado em sentido mais amplo, em presença de uma finalidade. Outro indício de dependência do contexto, aqui entendido como o "texto" que segue: a implicatura é anulável. A sequência de um texto pode, com efeito, anular a implicatura que o texto teria suscitado se tivesse ficado sem sequência (ARMENGAUD, 2006, p 97).

A implicatura não tem vínculo nem com os valores de verdade, nem com a forma linguística. Ela também não é nem lógica no sentido estrito, nem linguística. Ela é restritamente discursiva e contextual. Apoia-se naquilo que é "pensado", partindo assim ao mesmo tempo do que é dito e da situação que é dito, situação que corresponde não só ao falante, mas a situação comum a dois, ou vários interlocutores. Pensando nisso, ele criou as máximas conversacionais, que constituem regras que devem ser seguidas para obter o sucesso da conversa. O princípio estabelecido por ele é constituído de quatro máximas: Máxima da qualidade: a sua contribuição deve ser verdadeira; " não diga o que você pensa que

seja falso". Máxima da quantidade: a sua contribuição deve conter somente o necessário; " não diga nem mais nem menos do que o exigido". Máxima de relevância: a sua contribuição deve ser relevante; " não diga o que não foi importante". Máxima de modo: a sua contribuição deve ser clara o suficiente para ser entendida; "fala de maneira ordenada e sem obscuridades".

No entanto, pode acontecer que o locutor ultrapasse os limites definidos pelo princípio da cooperação e infrinja, intencionalmente ou necessariamente, uma das máximas conversacionais, cabendo, então, ao interlocutor "fazer uma série de cálculos mentais a fim de buscar uma interpretação para tal enunciado" (OLIVEIRA, 2006, p. 90), e também terá que descobrir, assim, qual foi o real motivo da violação.

Segundo Franco (2007), as implicaturas conversacionais encontram-se fora do significado e dependem do contexto tomado em sentido amplo. A dependência do contexto é tão representativa que a sequência do texto pode anular a implicatura. Este tipo de implicatura subsiste na substituição de expressão sinônima, devido à sua característica não separável.

A colaboração da teoria Griciana para a Análise do Discurso foi muito importante, pois tornou possível o estudo sistemático do fenômeno da " implicatura", termo introduzido pelo autor para se referir às mensagens transmitidas numa interação verbal, embora não estejam linguisticamente explícitas. É possível perceber que as máximas de conversação propostas por Grice (1982), apesar de seu inegável mérito, já que permitem o estudo sistemático da dicotomia "dizer" e "querer dizer", não tem latitude irrestrita de aplicabilidade.

Acrescenta o autor que o princípio de cooperação e as máximas que o suplementam devam ser consideradas como pré-teóricos, não por motivo de faltar estrita formalização, mas sim porque se aplica mais adequadamente a conversas entre falantes- ouvintes ideais, em uma comunidade linguística homogênea e também porque não incorporam os múltiplos fatores que tornam a linguagem uma atividade inerentemente variável.

As implicaturas convencionais ou lexicais têm como suporte a língua, o léxico, ou seja, significados convencionalmente vinculados às palavras. Elas se distinguem da pressuposição semântica, visto que não contribui com as condições de verdades das frases. Pois não tem relações com valor de verdade, nem com formas linguísticas. Sua razão de ser é encontrada a partir do dito, no momento da situação de fala comum a falante e ouvinte. O falante implica e o ouvinte infere.

Conforme Franco (2007), as implicaturas convencionais são provocadas por algumas expressões linguísticas ligadas ao sentido literal das palavras, pois as implicaturas convencionais lexicais estão próximas as formas linguísticas do enunciado, ou seja, ao léxico, ao significado convencional das palavras. A insinuação do falante encontra suporte na convenção. Como propriedade inerente, a implicatura convencional é não anulável pela sequência textual, possui independência do contexto, e não subsiste na substituição de expressões sinônimas.

Portanto, a implicatura convencional é provocada apenas por um elemento linguístico, ela não precisa de elementos contextuais para ser feita, enquanto a implicatura conversacional, seja ela generalizada ou particular, apela sempre para as noções de princípio da cooperação e máximas conversacionais. Como se disse acima, para Grice (1982), o princípio da cooperação é o princípio geral que rege a comunicação. Por ele, o falante leva em conta sempre, em suas intervenções, o desenrolar da conversa e a direção que ela toma. Grice (1982), formula, da seguinte maneira, esse princípio: “que sua contribuição à conversação seja, no momento em que ocorre, tal como requeira o objetivo ou a direção aceita da troca verbal em que você está engajado”.

3 METODOLOGIA

De acordo com Tarallo (2007), para preparar uma pesquisa é necessário estabelecer uma quantidade de dados que serão analisados de acordo com os objetivos essenciais do estudo em questão para os objetivos metodológicos, o pesquisador deverá organizar um roteiro de informações para servir como guia no momento da pesquisa, organizando suas ideias, sempre embasadas, no que os autores tratam sobre o conteúdo a discutir.

No caso deste estudo, a pesquisa bibliográfica foi organizada para fundamentar as ideias sobre a pragmática que deve ser utilizada pelo professor para explicar a linguagem, principalmente na construção dos sentidos na leitura e produção de textos nas aulas de Língua Portuguesa.

Para a realização deste trabalho foram dadas as definições teóricas sobre implicaturas, teoria da atividade verbal, princípio de cooperação, teoria dos atos de fala, e teoria da enunciação, caracterizadas, em grande parte, por Grice (1982). Após este momento, foi selecionado um ponto, dentro deste conteúdo para uma análise mais específica. Para que fosse possível a realização deste trabalho monográfico, foram citados exemplos, do uso real da língua escrita, colhidos de uma diversidade de materiais necessários, tais como: jornais, revistas, livros, artigo relacionados, para melhor embasar o texto foi citados alguns autores. Preocupa-se em analisar e interpretar os dados em seu conteúdo psicossocial. Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Na pesquisa qualitativa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais. É descritiva e não requer utilização de métodos e técnicas estatísticas.

O pesquisador considera o instrumento chave, tende a analisar seus dados individualmente, no ambiente natural. O processo e seu significado são os focos principais da abordagem. As pesquisas qualitativas oferecem contribuições em diferentes campos de estudo, por exemplo, à antropologia, psicologia e entre outros. Como já foi expresso anteriormente, a metodologia mostra os percursos que iremos fazer para chegar a um fim que são análises e pesquisas baseadas nas ideias de diversos autores aqui mencionados.

3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Conforme Gil (2010), ao elaborar uma pesquisa de natureza bibliográfica, o pesquisador deve atentar-se que a mesma consista em material com informações publicadas como nas revistas, jornais, dissertações, textos científico entre outros. Quando se elabora um trabalho acadêmico, como dissertações ou até mesmo teses é imprescindível a recomendação da presença de uma página dedicada à pesquisa bibliográfica com o intuito de fornecer informações fundamentadas sobre a ótica do autor.

Assim, o esclarecimento fornecido pelo autor, de que a pesquisa fornece ao investigador uma cobertura completa dos fatos que precisam ser investigados e analisados com mais cautela, poupando-lhe tempo comparada a uma pesquisa feita diretamente. Frisando que a pesquisa dessa natureza não necessita ser somente à uma área de investigação, mas ela estende-se aos estudos históricos para obter as informações dos fatos ocorridos para que a bibliografia torne-se presente.

Conforme Medeiros (2013), a pesquisa bibliográfica consiste em posicionamento formal no momento de adquirir informações da realidade. Vale a pena destacar que esse processo equivale a uma reflexão e um tratamento científico. A pesquisa pode ocorrer de duas formas, na direta que colhe dados do local onde os fenômenos ocorrem, e indiretamente realizada através de levantamento de informações por meio de documentos.

Em presença das vantagens de uma pesquisa bibliográfica o pesquisador deve ficar precavido, pois a pesquisa pode trazer algumas informações ilícitas algo que seja possível prejudicar o bom andamento de seu projeto. Diversas vezes os materiais secundários apresentam subsídios errados ocasionando em um projeto equivocado ou na divulgação de dados errados. Por isso, o pesquisador ao elaborar sua pesquisa cabe à ele analisar minuciosamente as devidas informações a fim de encontrar possíveis incoerências que venham comprometer a pesquisa, em compensação é aconselhável o acesso a diversas fontes para garantir uma análise eficaz.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

A Pragmática tem sido alvo de interesse de linguistas e demais estudiosos da comunicação, inclusive professores de linguagem, de Literatura, Produção de Textos, Interpretação e de Gramática da Língua Portuguesa. Entre esses estudiosos foram consultados para este trabalho: Searle (2002), Armengaud (2006), Almeida (2000), Vogt (1980), Fiorin (2010), Benveniste (1966), Koch (2006), Daniels (2011), Vygotsky (1988). Esses pensadores convergem em opiniões sobre a necessidade da escola e professores de língua materna adotem os princípios de integração e cooperação da teoria na prática nas aulas e no convívio dentro e fora da escola.

Searle (2002), diz que, o conceito da Pragmática surgiu com os estudos de Austin, para proporcionar melhor compreensão do estudo da linguagem, e a capacidade comunicativa de cada uma delas, pois a Pragmática estuda as normas gerais que regem o uso prático da linguagem dentro do processo comunicativo entre um emissor e um receptor. Deve-se levar em conta a intenção do emissor ao pronunciar um enunciado, pois a mesma mensagem pode conter uma interpretação diferente da outra, dependendo do contexto que ocorre o discurso. O contexto verbal com o qual se produz essa mensagem em uma situação específica durante a interpretação não são levados em conta todos esses fatores proporcionando dentro do discurso mal-entendido.

O termo 'Pragmática' origina-se da palavra *Pragmathe*, que indica algo prático, a qual estuda o uso da linguagem, tendo em conta fatores extralinguísticos que não se podem observar em um estudo puramente gramatical, ela se interessa por três âmbitos de uso que são os atos de fala, a análise de discurso e a questão das pressuposições (VILLAR, 2007). Pode-se dizer que os estudos dos atos de fala tentam de forma mais explícita o possível, determinar qual é a verdadeira intenção comunicativa do falante, pois os enunciados não devem ser interpretados em sentido literal, existem leis que regem essa interação, para que a comunicação não interrompa o discurso pronunciado. De forma consciente, os falantes nem sempre respeitam essas regras, que são as regras das máximas, nem sempre são seguidas e obedecidas.

Armengaud (2006), completa que a pragmática é uma ciência que busca de forma prática, analisar e conhecer linguística e cientificamente os atos de fala do discurso no contexto que os envolve, sem essa lógica de conhecimento de mundo é

impossível entender o que o locutor está implicitamente sugerindo, pois a doutrina do pragmatismo determina que o sentido da ideia corresponde ao conjunto de seus desdobramentos práticos, isto é, de sua praticidade para ter sentido dentro do enunciado. O pragmatismo é um método da filosofia que sustenta que o próprio significado de um conceito, seja ele uma frase, texto, palavra ou discurso, consistem nas consequências práticas concebíveis de sua aplicação, uma afirmação sem relações com experiências, passa a não ter sentido.

O primeiro filósofo que registrou o uso do termo em 1898, concedendo os créditos a autoria de Charles Sanders Pierce. Esse termo passou a ser utilizado por Pierce, a partir do ano 1905, para nomear sua filosofia. Foi ele que alterou o termo original, pragmatismo, para que os jornais literários usarem de maneira desaprovada pelo autor, pois o autor diz que o termo pragmatismo e pragmaticismo podem ser diferenciados pelos seus conceitos de que o termo se aproxima do seu sentido popular, de uma forma que reduz o sentido dos sentidos dos fenômenos e os avalia quanto a sua utilidade.

Almeida (2000), fala sobre o a história do surgimento do termo pragmática, que teve início no século XIX, no qual surgiu os primeiros indícios de uma inconformidade com a gramática tradicional, ela utilizou a ciência, as corporativistas iniciaram estudos sobre a história das línguas e suas derivações. Em sua base teórica ela citou que Ferdinand Saussure considerava a língua como um simples objeto de análise da linguística, ignorando a importância individual da fala. Ao haver ligações entre essas ciências as quais são a linguística, psicologia entre outras, iniciou e começou a entender novas concepções não só teóricas, mas também prática da linguagem.

O autor Vogt (1980), fala que a pragmática não concorda com a ideia de que a língua seja apenas um simples instrumento para a transmissão de informações, pois ele destaca que o caráter interativo, descreve e pinta um quadro da situação enunciada, igualmente a pragmática, a análise de discurso questionou e recusou-se a crer que a concepção de linguagem faz do discurso suporte de doutrinas e visões de mundo, ele também utiliza a palavra representações quando diz respeito ao dizer que a mesma em um sentido tomado pelo teatro, designa diversos papéis, todos distribuídos nessas pequenas cenas que são os atos de fala.

Fiorin (2015), diz que o estudo da pragmática teve início com os trabalhos introdutórios dos filósofos John Austin e Paul Grice (1982), quando analisaram o

estudo da linguagem no ponto de vista da pragmática, eles perceberam que a função da linguagem esta além da descrição em si, e que essa função de descrever a língua pertence a Sintaxe e a Semântica, pois dentro da perspectiva de Austin, quando pronuncia-se um discurso estamos realizando atos. Dentro dos estudos sobre a teoria da enunciação, Fiorin (2010) afirma que um dos fatos do estudo da linguagem requer a introdução de uma dimensão pragmática dentro dos estudos linguísticos e a enunciação, para que o próprio ato de produzir enunciados, sejam realizados dentro da língua de forma concreta. O autor diz que Bakhtin foi um dos estudiosos que se interessou por estudar o aspecto da linguagem dentro da enunciação, pois em um dos estudos do autor já citado, diz que a teoria da enunciação tem a função de explicar os que os significados representam dos enunciados que são produzidos pelas falas dos falantes e usuários da língua, visando não só o sentido, mas, as condições em que são produzidas.

Benveniste (1966), relata que a primeira visão que temos de enunciação é o próprio ato de produzir um enunciado, pois é através da enunciação que a língua é colocada em funcionamento por um simples ato de utilização por seus usuários, isto é o falante utiliza da língua para pronunciar enunciados. Com essa abordagem, é possível dizer que a enunciação e o enunciados comportam alguns elementos que estão submetidos à instância da enunciação, pois são compostas por pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos e advérbios apreciativos, advérbios espaciais e temporais. Há pelo menos dois tipos de conjuntos no texto que é a enunciação enunciada correspondendo aos conjuntos de marcas, que são inidentificáveis remetendo à instância dela; e o enunciado que é a sequência enunciada desprovida de marcas de enunciação.

Benveniste (1966), discorre a interlocução num dado contexto, proporcionando a essa teoria evidências em sua análise relatando a importância do enfoque pragmático por ter como objeto de pesquisa, a ação humana realizada pela linguagem, indicando suas condições e seu alcance dentro da comunicação, pois todos esses mecanismos produzem grandes efeitos de sentido no discurso, não sendo diferente ao leitor- ouvinte projetar no enunciado ou alhear-se dele, ou simular uma concomitância dos fatos mostrados com o momento da enunciação ou expor-lhe como anteriores ou posteriores a ele.

Koch (2006), fala sobre o surgimento da Filosofia da linguagem e foi apropriada pela linguística Pragmática, a necessidade de se estudar a prática da

linguagem levou ele e outros autores como Austin (1990), a entender e explicar que são concebidas como de ação e com essa concepção passaram a estudar os diversos tipos de ações que podem ser realizados através dela. Para Armengaud (2006), a teoria dos atos de fala, é o estudo sistemático da relação entre os signos juntamente com seus intérpretes, esses mesmos atos de fala foram solicitados por Austin (1990), e chamados de atos ilocucionários que significam agir ao falar.

Com essa afirmativa, a autora considera que no processo da comunicação humana entre interlocutores é possível transmitir mensagens que na verdade não mantêm qualquer relação com o conteúdo referencial, o qual não pode deixar de lado, pois é neste ponto que a pragmática entra, na relação entre as estruturas da linguagem, e seu uso, que muito antes foi totalmente deixado de lado pela corrente da linguística qual foi comprovado, pois o ponto que ele defende é que é possível conceber, para qualquer frase, o seu sentido literal, ou seja, independentemente do contexto em que é realizada a conversação.

Chega-se a convicção de que a unidade mínima da comunicação humana não é nem a frase nem qualquer outra expressão, mas sim a realização desempenhando alguma ação, não trata-se apenas de definição concreta, e sim abstrata, exemplo claro é ao pronunciar uma frase, o falante realiza não só um ato, mas, vários dos atos. Nenhum ato pode ser confundido com frases, pois são sentenças totalmente diferentes entre si, nem mesmo a expressão linguística, ou qualquer que seja ela, utilizadas na realização dos atos.

Daniels (2011) trata da atividade verbal situando e reconhecendo que o conhecimento humano e a interação não podem ser divorciados do mundo, porque esse divórcio representaria estudar uma inteligência desencarnada, uma inteligência artificial e que não tem características de um comportamento real. O autor apregoa ainda que, o que realmente interessa são a situação e os papéis que as pessoas desempenham, além da constituição mútua de pessoas e situações numa contínua emergente interação dialética de conformação indissociável.

Vygotsky (1988), a linguagem desempenha grande influência sobre os outros e, posteriormente, influencia a si mesmo. O autor diz que não se pode olhar apenas para a situação, ou ambiente, ou pessoas, pois ao fazer isso está destruindo o próprio fenômeno de interesse, essa mútua acomodação das pessoas e do ambiente que interessa, de modo, que focar somente aspectos isolados é destruir a interação eliminando o papel da situação sobre a cognição e sobre a ação.

De modo geral, a Pragmática está sendo utilizada, mas em outras disciplinas das áreas de exatas e sociais, nas ciências humanas ainda deixa a desejar, pois consideram que as disciplinas consideradas teóricas não dependem d prática para acontecer com êxito, entretanto, com essa abordagem de aliar a teoria à prática como função da Pragmática, chega-se à conclusão de que a teoria não pode ser utilizada sem a prática, e vice-versa, pois ambas estão interacionadas entre si, e sem essa articulação não há possibilidades de analisá-las separadamente.

5 CONCLUSÃO

Ao elaborar este trabalho percebeu-se que a pesquisa bibliográfica proporciona conhecimentos teóricos sobre o funcionamento da linguagem dentro do contexto social, pois através dela é possível compreender que o estudo da linguagem não se limita apenas à Sintaxe nem à Semântica, está além de analisar uma simples frase. Com base nas ideias dos autores, verificou-se que a Pragmática é cheia de aspectos que precisam ser compreendidos e conhecidos pelos que a utilizam, pois ela é teoria e prática.

Aprendeu-se que analisar a linguagem e entender o seu funcionamento dentro da língua contribuiu para a motivação inicial de realizar essa pesquisa, porque muito do que se tem a falar não é dito de forma direta e os interlocutores não conseguem compreender o discurso implícito dentro do enunciado. Constatou-se que o ensino de uma língua, com qualidade, só é possível quando a teoria embasa a prática, deste modo fazendo com que o professor consiga explicar o porquê de cada fato da língua e quais os motivos de estudá-los.

Estudar a linguagem à luz da Pragmática é fascinante. A comunicação humana é resultante de um processo que vai além do que se é dito entre duas pessoas ou mais. Ao analisar o corpus deste trabalho, pode-se verificar como a dimensão implícita da linguagem encontra-se presente na comunicação verbal e não verbal em nosso dia-a-dia. A teoria de Grice (1982), é uma prova disso, pois ao abordar sobre as regras que mantêm a comunicação interpessoal, entende-se que ela está baseada nos conceitos do Princípio de Cooperação nas suas implicaturas e suas máximas.

Observando a linguagem, sob o ângulo da Pragmática, é possível dizer que o autor que constrói os textos ou discurso, partindo da ideia das máximas, estabelecido pelo Princípio de Cooperação, pode assumir duas posições em relação ao leitor: a de ser cooperador e a de não ser cooperador. No entanto, vê-se, por meio do princípio de cooperação de Grice (1982), como esses conteúdos implícitos, ocasionados por equívocos, ambiguidades, sentidos não literais, podem provocar a violação das máximas conversacionais (qualidade, quantidade, relevância e modo). Permite ao ouvinte fazer uma implicatura para deduzir o que ficou subentendido no ato da comunicação. Ao analisar a linguagem pelo ponto de vista da Pragmática e levando em conta que cada pessoa vai entender uma

mensagem de acordo com o seu conhecimento prévio, um único texto ou discurso, pode conter várias interpretações, e um mesmo leitor/ouvinte pode interpretar o mesmo discurso de forma diferente, de acordo com a situação em que é pronunciado.

O estudo do uso da linguagem é absolutamente necessário, pois há palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta da fala, porque na troca verbal comunica-se muito mais do que as palavras significam, por exemplo, quando um aluno diz ao professor que a sala está quente, o professor entenderá que o aluno sugere que ligue o ar condicionado. Isso é o discurso pragmático em ação.

Nesse processo de interação social, a linguagem ultrapassa os limites da fala e chega a realizar ações concretas, realmente efetivadas através de atos (locutivo, elocutivo, perlocutivo) expressos pelos falantes. Contudo, a realização dessas ações vai exigir do interlocutor a mesma habilidade de decifrar a dimensão implícita contida na maioria dos textos, como se pode observar ao término deste trabalho. Assim destaca-se a importância dos sentidos pragmáticos para o processo de interpretação da comunicação humana, dos conteúdos implícitos que se encontram escondidos por entre as linhas do discurso.

Conclui-se que, pelas leituras e com base nas teorias consultadas, a Pragmática ajuda o professor a refletir sobre o ensino da língua, e colabora com o aluno no sentido de fazê-lo compreender que todo idioma tem aspectos teóricos que servem para descrever, analisar e argumentar; mas também tem aspectos práticos que dependem somente do falante e da sua experiência com os atos da fala.

REFERÊNCIAS

- ARMENGAUD, Françoise. **Pragmática**. Editora: Parábola. V8. 2006
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artmed, 1990
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, São Paulo, 1979.
- BENVENISTE, Emile. **Problemes de Linguistique Generali**. Paris, Galimard, v. II, 1966.
- DANIELS, H. **Vygotsky e a pesquisa**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo, Ática 1996
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística I** (org.). – 6 ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2015.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística II: Princípios de análise**. (org.). – 4 ed., 3ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2010.
- FONSECA, I.; FONSECA, J. **Pragmática Linguística e Ensino de português**. Coimbra: Almeida 1977.
- FRANCO. K. R. **O Princípio da Cooperação na Construção do humor em charges**, 2007.
- GARSCHAGEM, M. D. **Dicionário Balsa Planeta Internacional LTDA**. Grafia atualizada segundo o acordo ortográfico da Língua Portuguesa que entrou em vigor no Brasil em 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisas**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GRICE, H. P. **Lógica e conversação**. Trad. João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo (Org.) **Pragmática – Problemas, críticas, perspectivas da linguística - bibliografia** vol. 4. Campinas, 1982
- ILARI, Rodolfo. **Introdução à Semântica- brincando com a gramática**. 7. Ed, 3ª reimpressão.- São Paulo: contexto, 2010.
- KOCH, I. V. **A inter- ação pela Linguagem**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise de discurso**. Campinas: Pontes, 1989 (tradução de Freda Indusky).

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: A Prática de Fichamentos, Resenhas, Resumos** 11 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

OLIVEIRA, M. L. de. **O humor em Mafalda e a violação das máximas conversacionais**, 2006.

SEARLE, J. R. **Expressão e significado**. São Paulo: Martins fontes, 2002.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa Sociolinguística** 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss Conciso**. Instituto Antônio Houaiss. – São Paulo: Moderna, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VOGT, Carlos. **Linguagem, Pragmática e Ideologia**. São Paulo: Ed. Hucitec/ Funcamp, 1980.